

## Preço da assignatura

Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Numero avulso . . . . .	90 "

A correspondência relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia  
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

# A RESTAURAÇÃO

## SEMANARIO CATHOLICO

## Preço das publicações

Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha . . . . .	20 "
No corpo do jornal . . . . .	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

### Pelos mortos

Dia de finados! . . .

Que seria um dia de finados, pergunta Walsh, sem um reflexo do ceu? Como tudo seria triste e lúgubre! Sepulcro, destruição, putrefacção, eiz o que se apresentaria ao espirito, eiz o que despedaçaria o coração. Recuarieis espantados perante essa podridão e esses vermes. O incenso desta festa cruel seriam as fétidas exhalacões dos túmulos; as suas luzes seriam as tochas funerárias; os seus cantos seriam longos gemidos, e soluços os seus hymnos.

Mas a religião cobre de flores o túmulo; e, se ao lado desta sombria morada ella vos mostra uma prisão onde as almas se fazem bellas para o ceu, faz-vos ver tambem um Jesus que as ama com um amor immenso e vos convida a que as ajudeis a satisfazer á sua justiça.

Mas poderemos nós alliviar ou abreviar o supplicio dos que nos foram queridos na vida e cuja lembrança ainda nos afoga em dôr o coração? Podemos. Mas de que modo? Orando e offerecendo por elles a Deus os nossos suffrágios.

Orai pois. As almas desses santos estão mergulhadas num mar de tormentos, não como as que não têm esperanza, mas como almas justas que têm sede de Deus e não podem saciar esta sede que as devora. Estas almas sam como chamas dotadas de intelligência e coração, que não podem elevar-se até Deus, seu centro e seu destino. Sam como settas, que padecem violência porque não podem desparar-se e atingir o seu alvo.

Orai! Sam indiziveis os tormentos dessas almas. O fogo dos condemnados e o das almas do Purgatório abraça com a mesma intensidade: a differença está na duração. Depois, ha tambem no Purgatório a pena das penas, o soffrimento dos soffrimentos, o fogo dos fogos, o mais horroroso supplicio que uma alma pôde soffrer: a dilacção da vista de Deus.

Ah! nós não comprehendemos esse desejo da visão de Deus, que se converte em tormento: mas aquellas almas,

que já viram a belleza de Deus, a sua grandeza, a sua amabilidade, o esplendor da sua glória, como devem soffrer com a demora da visão desse Deus! E depois as trevas, a confusão, as reprehensões da consciência, o amor que as devora e as consome com o desejo irresistivel de possuir a Deus, tudo isto é mais cruel e mais terrivel do que a miséria temporal, do que a enfermidade, do que todas as perdas, do que a deshonra, do que a infâmia, do que tudo quanto se possa imaginar. E estes tormentos não excitaram a vossa compaixão?

Orai! Nesta causa está empenhada a glória de Deus, a caridade para com as almas dos vossos queridos defuntos e os vossos interesses pessoaes. Nada augmenta mais a glória do Senhor do que a libertação duma alma do Purgatório. A caridade para com essas almas, a que vos ligam os vinculos da fé, requiere que vós as ajudeis em suas necessidades: abandoná-las á sua tormentosa sorte seria documento de mau coração. Finalmente é do vosso interesse ganhar advogados no ceu.

Orai! A oração pelos mortos tambem consola os vivos. Aquelles que não têm fé, desalentam-se na morte dos que lhes sam caros, e talvez amaldiçoam esse Deus, cuja existência pouco antes negavam. Desgraçados! Não sabem que a creença na immortalidade, no Purgatório, no dôce commercio com os mortos, allivia a dor dos vivos. Experimentem e verão. E' certo que a dor é sempre dor, nem a religião muda a natureza das coisas: mas naquelles que têm fé, a dor é mais suave, mais resignada, mais supportavel, porque elles sabem que podem fallar com os seus queridos mortos e de algum modo viver com elles. Doce pensamento!

Vêde S. Bernardo. Elle chora: o seu coração affectuoso está esmagado pela dor; e em presença dos seus religiosos de Claraval suaviza elle essa dor que o opprime, no dia seguinte ao da morte de seu irmão: «Para que dissimulá-lo? . . . Penetrante espada me abriu no coração uma ferida tanto mais cruel, quanto mais desconhecida dos outros. . . . Vendo morrer aquelle que com sua presença me fazia feliz, vi morrer o meu coração. Até agora tenho occultado, tenho

sumido, tenho sepultado a minha dor no fundo da alma; só a fé ma tem podido reter no coração; emquanto todos choravam, só eu me calava. . . . Porém já não posso dominar a minha amargura: ella abafame. . . . Oh por que mo tirastes, meu Deus? . . . Desaffogai vós nas lágrimas, ó meus olhos, já que mais não podeis. Meu irmão deixou-me! . . . Estou só neste mundo! . . . Meus filhos, perdoai-me estas palavras de afflicção; espero encontrar em vós compaixão e perdão. Queira Deus que eu não tenha perdido para sempre esse irmão tam amado; faça o Senhor que eu o veja um dia no ceu!»

Chorar os nossos próximos não é peccado; resignar-nos á sua perda é virtude; orar por elles é caridade. Orai pois pelos mortos, orai!

Imitado.

L. F.

«E' um santo e saudavel pensamento orar pelos mortos, para que sejam livres dos seus peccados.»

II Mac., XII, 46.

### A actualidade

I

Andar á cata de noticias tornou-se uma profissão. Esta profissão tem as suas fadigas e tambem tem os seus lazeres. Muitos, que consagraram a sua vida a recolher nas ruas e nas praças as coscuvilhices do dia, prestando attenção a todas as atoardas, posto que insignificantes, envelheceram antes da idade. Todas as manhãs faziam a colheita dos nonadas que correm aos milhares, para servir este pabulo a cincoenta mil esfoameados. Mas os principaes dentre elles estão agora cansados, e o proprio officio se tornou velho. Não morreu contudo a actualidade. Ha muitas actualidades. Eiz aqui uma: dois mil duzentos e quatro annos antes de Jesus-Christo, resolveram os homens edificar uma cidade e nessa cidade uma torre, cuja altura tocasse no ceu. Queriam levantar um monumento eterno e como elle tornar eterna a sua memoria. Era-lhes favoravel o terreno: ahí era excelente a terra para fabricar adobes e o bitume servia-lhes de cimento. Parece que já existia a industria e ajudava os homens na empreza de serem altivos de si proprios; empreza estranha, monstruosa, impossivel, se os homens tivessem o hábito de olhar para si;

empreza facil, pois que não têm tempo de se verem. Quando os homens emprehenderam ser altivos, nada os detem e tudo os favorece, mas sobretudo a industria. Tinham adobes, tinham bitume; tinham muito provavelmente os restos de uma sciencia enorme; tinham o feixe gigantesco e apenas quebrado dos conhecimentos antediluvianos.

«Os homens, dizia José de Maistre, felizmente já não sabem assás para se tornarem culpados neste ponto». Tinham ainda alguns reflexos dessas luzes mysteriosas e santas, tam grandes que o abuso que dellas se fez foi um crime capaz de produzir as raças selvagens. Tinham tradições cheias de segredos assás elevados para se tornarem, nas mãos dum malfeitor, thesouros de malyadez. Tinham memorias profundas, immensas e recentes. Tinham a vizinhança de Noé, a de Sem, de Japhet e de Cham; tinham quasi a de Adam, porque o longor da vida humana e a raridade das gerações tiravam aos seculos o seu prestigio: a génese do mundo era uma coisa recente e de que se fallava ainda como dum acontecimento de familia. No sentimento de todas essas vizinhanças devia haver recursos numerosos. O homem ainda não estava fatigado nem desanimado: a juventude era o estado das coisas e reflectia-se nas pessoas. Todos os ingredientes da força estavam nas mãos dos filhos de Adam. Mas cessaram de fallar a mesma lingua e foi-lhes preciso renunciar a edificar. Foram-se, porque já se não entendiam. Debalde os homens faziam obedecer os seus instrumentos á sua sciencia: os pedreiros não sabiam que fazer das suas forças, porque a sua intelligencia já não entendia a palavra humana. Cada individuo, porque era prês do espirito proprio, foi entregue a uma linguagem propria. Tornando-se impossivel a conspiração das intelligencias, porque estava morta a unanimidade dos corações, a materia revoltou-se e a etymologia appareceu na sua realidade: os homens já não podiam edificar, porque tinham cessado de ser edificantes.

Ora esta história não data nem de ante-hontem nem de hontem, data de hoje. E' a unica realidade absolutamente actual.

II

Porque é que entre os que andam atrás de noticias, não ha nenhum que pense nessa?

Como é que aquelles que têm a paixão frequente e contagiosa de contar e informar, podem atravessar o anno da graça em que vivemos, e não se servir da torre de Babel para entreter ao menos o seu auditorio?

Ha trezentos annos para cá, que é a história da philosophia? que é a história da litteratura? que é—fóra da Religião—a história das religiões? Não se podem lançar os olhos a nenhum ponto do horizonte intellectual, sem encontrar a torre de Babel; todo o que quisér andar, tropeça em in-

strumentos de todos os feitos, abandonados no campo da batalha pelos operarios da torre impossivel. Os homens de Babel, não sabendo sequer que esta palavra quer dizer confusão, soffrem todas as consequencias mais instructivas do seu mallgro eterno e necessario, excepto o ensino que dahi se deveria tirar. Quanto mais abundantes sam os materiaes amontoados por essa sciencia de que sam altivos, tanto mais se deveriam espantar da impossibilidade, em que estão, de construir algures, apesar da abundancia dos materiaes e da ferramenta, um monumento qualquer. Quanto mais ricos sam em meios, mais deveriam reflectir nas impossibilidades do resultado.

No instante de concluir todos os conhecimentos humanos estão numa confusão total: analysa-se a alma; mas já se não sabe se ella existe. Subtiliza-se a proposito de accidentes, mas quando se chega ás substancias, a razão perturba-se, enfraquecida pelo hábito da dúvida, e os objectos ficam abalados em torno de nós, e o mundo vacilla como num sonho ou numa vertigem.

Diz-se que o mal sempre habitou a terra; e isso é verdade depois da queda. Mas aqui está a capital differença entre as molestias ordinarias do homem e a sua actual agonia. Outrora o bem chamava-se bem e o mal chamava-se mal. Era esta distincção um beneficio da luz natural, prolongada e augmentada, salvaguardada e accrescentada por uma lembrança do frontecostes. Hoje tremulam as fronteiras na carta do mundo moral. Não estão nitidamente desenhados o imperio do bem e o imperio do mal; a confusão apagou os lindes sagrados que protegiam a consciencia contra a perversidade do juizo. Tambem tendem a razão e a loucura a já não saberem bem qual é o seu dominio respectivo. O pae não falla já a mesma lingua que o filho; a esposa não falla já a mesma lingua que o marido. Os irmãos fallam e não se comprehendem. Não sendo applicavel ao mundo das almas o systema metrico que rege o mundo dos corpos, aquelle, por que repelli a unidade doutrinal, já não tem uma medida commum. Chamam-se incommensuraveis entre si as quantidades que não têm medida commum. A' força de confusão tornamos na terra incommensuraveis entre nós.

(Continúa.)

«O dinheiro é bom, quando a razão governa.»

### Carta do Porto

Lisbôa esteve em festa parte da semana passada e parte da corrente, para receber dignamente o primeiro magistrado da republica francesa. Divertiu-se muito o povo



de todas as classes e não faltou também, como de costume nas grandes festas populares, a nota discordante, provocada pela ausência de senso commum, que é habitualmente sacrificado ao effeito das manifestações calorosas: é que o homem para se mostrar racional tem de nunca perder de vista a sua grande parte da natureza animal.

Animalmente considerado o caso, foi simplez e natural.

Em Lisboa, hoje é moda ser-se republicano; as massas populares têm acreditado os discursos dos seus mentores—missão nascida dos esbanjamentos da administração publica—e para estes, o sol nascente é a republica. Conhecido este preliminar, está explicado o facto.

Num espectáculo qualquer, a que assistiam muitos estrangeiros e immensamente mais nacionaes, tocouse a Marselhesa. As palmas esbrandearam como girandolas de foguetes. Foi bem, porque se tratava de se honrarem hóspedes.

Segundo as praxes, seguiu-se o hymno nacional português, e a girandola de palmas converteu-se pelas massas em infernal chifrim de assobios, pateada e dichotes baixos. Se foi bem ou se foi mal, consulte cada um o seu sangue, logo que tenha conhecimento do facto.

Agora só resta dar os parabéns aos mentores do povo lisboeta pela boa educação que lhe têm dado. Ali é que se pôde applicar em toda a extensão o dito popular: «Podem alimpar as mãos á parede.»

Cá o Porto é que não morreu de sympathias pelo presidente: se não houvera consulado e agencias da republica nesta cidade, ninguém sonharia sequer que Loubet era hóspede da nossa nação. Pois—«caso raro e nunca visto»—só estas casas içaram bandeira! Nem o edificio do municipio, a camara, se quis honrar com a visita republicana de Loubet, apesar de vir convidado pelo Rei de Portugal.

Certamente que os ventos, desde o 31 de janeiro, correm aqui numa direcção que se não confunde com a que seguem os de Lisboa. Não se imagine, comtudo, que o Porto ficou muito sorumbático e tristemente meditativo, por ter de portar-se em contraste com Lisboa: não. Pareceu até propositadamente que combinou com a Companhia Carris de Ferro do Porto a inauguração dos carros electricos para Villa Nova de Gaya. Porque, a não andar aqui «coisa no ar», não têm grande explicação as festas imponentissimas que naquella villa se fizeram toda a tarde de sabbado e todo o domingo.

As festas que temos visto no Porto auctorizam-nos a affirmar que o seu povo não ama os foguetes, como o do Minho, que não pôde sentir uma alegre palpação no coração, sem que a transmita ou dê conhecimento della a todos quantos dali possam ouvir o estrondar dos foguetes que para esse fim paga com uma generosidade admiravel. Pois Villa Nova foi desta feita uma excepção muito honrosa ao vetusto costume de se lançarem poucos foguetes em dia de festa. Não houve surdo no Porto que não despertasse ao estridor constante da dynamite e mais explosivos, para aquelle fim empregados.

Para quem a festa saiu de primeira classe certamente que foi para o afamado pyrotechnico, vulgarmente conhecido pelo Fogueteiro das Devesas.

Diziamos que a razão das grandes festas nesta inauguração era certamente «andar coisa no ar», e a razão desta creença é acharmos muito, muito mal servida a Villa vizinha com a nova via electrica. Porquanto só ha carreiras de 20 em

20 minutos com a aggravante de serem alternadas para pontos diversos. O preço, que devia ser minimo, attendendo á distancia pequenissima—o rio—que separa as duas populações, é extremamente caro, porque, havendo bilhetes dum só preço a exemplo das companhias congéneres doutras cidades, estes sam carissimos, porque não sam uma média entre os mais e os menos elevados, mas todos do preço do ponto terminus, o que pôde considerar-se um abuso. Tal preço só é admissivel pela razão da força, que aqui é a necessidade, mas por nenhuma mais.

No tempo em que se tentava haver o dinheiro do público, mas se queria que este ficasse numa doce illusão, procurava-se um pretexto e exhibia-se este ás massas populares, que no frenesi do applauso deixavam de boa mente introduzir as mãos nas algibeiras; mas hoje já nem a isso se attende, como se vê no caso presente de pedirem o dinheiro sem rodeios. E o caso é que tinham pretexto para a coloração, como poucas vezes acontece. A passagem da ponte, que aqui, por uma força desconhecida do progresso, ainda se paga, seria a razão; mas não foi preciso: preferiram antes que além do preço maximo o passageiro pagasse mais 5 reis, que os guardas lhe vêm exigir em tempo e lugar competentes. Isto é uma escola de progresso e moralidade bem á moderna.

Mas apesar de tudo houve musica e foguetes, como raro ou nunca aqui se tem visto. Seria para espalharem a magua de não terem ido a Lisboa?

R. L.

«A innocencia é a felicidade do infeliz.»

## CURIOSIDADES

**Anti-cigarro bill.**—Hauley, governador do estado de Indiana, assignou um projecto de lei adoptado pela camara dos representantes que se appellidou já o *Anti-cigarro bill*. Esta lei prohibe formalmente a toda a pessoa, seja quem for, empregado, criado, negociante, agente, etc., fabricar, vender, trocar ou guardar em deposito cigarros. A mesma prohibição se applica ao papel de cigarros. A primeira violação das disposições desta lei será punida com uma multa de 50 dollares. Toda a reincidencia incorrerá numa multa de 500 dollares ou prisão de seis meses. O *Anti-cigarro bill* entrou em exercicio no 1.º de junho. Se cá se fizesse o mesmo, não teriamos ali a questão dos tabacos, que tanto tem dado que pensar aos nossos politicos.

**Cabeça de cera.**—Se não ha individuos com cabeça de pau, é certo havê-los com cabeça de cera. E um se chama Moreau. Na batalha de Bapaume, a 2 e 3 de janeiro de 1871, rebentou deante delle um obús de grande calibre. As estilhas do projectil attingiram o desgraçado no rosto e levaram-lhe os olhos, o nariz, as faces, os labios, em summa, quasi toda a face. Deixado por morto no campo de batalha, foi levantado seis horas mais tarde e depois transportado a uma ambulancia, donde pôde ser dirigido para o Val-de-Grace. Moreau dali saiu com um rosto quasi normal, mas fabricado de todas as peças, uma mascara de prata e cera, illuminado por dois olhos azues de esmalte. O invalido hoje é titular e a sua condecoração rende-lhe 250

francos. Vive em Marbaix, pequena communa do departamento do Norte. Quasi todos os dias o vêm dirigir-se, guiado por seu cão, um soberbo cão branco, a um ribeiro, onde se entrega á pesca á linha. Parece que é o cão que avisa o seu dono de quando o peixe pica.

### Irmão primogenito.

—Debateu-se em Londres uma questão: era uma questão de testamento. Foi chamada uma testemunha a depôr. Entre outras perguntas fizeram-lhe esta: a testemunha tem irmãos ou irmãs? A testemunha respondeu que tinha um irmão, mas que este irmão morrera ha cento e cincoenta annos. O tribunal inglês quis ver nesta resposta um gracejo e preparava-se a convidar a testemunha a ter mais respeito, quando ella forneceu provas do que affirmava. O facto era exacto. O pae da testemunha tinha casado aos dezoito annos e tivera logo um filho que morreu no mesmo anno. Tornou viuvo, este pae casou segunda vez na idade de 75 annos e teve um segundo filho, que era a testemunha. Ora esta tinha 94 annos no momento em que depunha. Acrescenta-se 94 a 56 (differença entre 75 e 19, idade dos casamentos) e tem-se exactamente 150.

**Porfias.**—A mania das porfias, muitas vezes mortaes ás pessoas adultas, tambem tem pegado na mocidade e produz resultados igualmente funestos. Assim é que no hospital de Nova-York, no estado de Nova-York, morreu uma rapariga de 11 annos, Luísa Rivers, que quisera vencer a porfia do salto á corda. A porfia consistia em 200 saltos consecutivos e as raparigas do logar olhavam com admiração profunda a jovem pessoa que praticara este alto feito. A jovem Luísa era cheia de ambição e tinha decidido vencer a porfia de 200 saltos. Conseguira-o executando 218 saltos. Mas depois de ter executado esta acção de aparato, caiu desmaiada. Foi preciso transportá-la logo ao hospital, onde morreu no dia seguinte.

**Profanação.**—Refere-se que os habitantes da Havana queixando-se das emanações que saiam dos terrenos dum antigo cemiterio, começaram a evacuar os tumulos. Mas em logar de enterrar de novo esses restos humanos, têlos-iam transportado num barco que teria chegado a Philadelphia com uma carga de 150 toneladas de ossos. Estas ossadas serão vendidas dentro em pouco a fabricantes de botões. Custa a crer numa tal profanação.

**Chuva de ouro.**—Parece que os pobres de Carsel acabam de ter vivas commoções. Um rico personagem, o conde de Nidda, recreava-se em lançar dinheiro ás mancheias pelas janellas da casa. Todos os dias estacionava na praça uma turba avida e enorme, esperando este manna, e scenas inenarraveis se produziam todas as vezes que o conde fazia chover sobre a multidão um punhado de peças de ouro e de prata. A mania do conde obrigara a policia a organizar um vasto serviço de ordem em volta do seu hotel, tornando-se a multidão tam compacta que a circulação na praça era quasi impossivel. No final de contas a policia deveu forçar o conde a deixar a cidade, tendo a sua mania provocado serias perturbações. Quanto á personalidade do conde de Nidda sabe-se sómente que é um proximo parente do gran-duque de Hesse, que era outrora capitão dum regimento de

coiraceiros prussianos, e que numa corrida a cavallo deu uma queda sobre a cabeça que lhe provocou perturbações cerebraes.

«O homem de bem é superior ao insulto.»

## NOTICIARIO

### EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança da importância da assignatura do nosso semanario.

Pedimos pois aos nossos estimaveis assignantes a fineza de acceifarem os recibos logo que lhes sejam apresentados, afim de nos evitarem despesas e trabalhos superfluos.

**Hos snrs. assignantes de «O Baluarte».**—Tendo concluido com o n.º 99, ultimo publicado, o compromisso tomado com a illustre e digna redacção do extinto «Baluarte», resolvemos continuar a enviar «A Restauração», a todos os snrs. assignantes daquelle periodico que o não sam do nosso semanario.

De todos esperamos o valioso auxilio da sua assignatura; mas, se porventura assim não acontecer, pedimos obsequiosamente aquelles que não desejem continuar a receber «A Restauração», o favor de devolverem o presente numero, para nos evitarem maiores trabalhos e despesas.

Para todos os que nos honrarem com a sua assignatura aqui fica exarado o nosso agradecimento.

**Contribuições em atraso.**—Por ordem do snr. ministro da fazenda e communicação do snr. delegado do thesouro deste districto á repartição de fazenda deste concelho, foram mandados sustar os processos de execuções fiscaes contra os individuos que se acham em divida de contribuições á fazenda nacional, podendo os contribuintes retardatarios effectuar o pagamento até ao dia 30 do corrente sem augmento de custas.

Tambem foi ordenado pela mesma auctoridade que sejam reembolsados das respectivas custas todos os individuos que houverem pago as suas contribuições com aquelle augmento.

**Legados.**—Em cumprimento do legado instituido por D. Delphina Sousa Leite de Andrade a mesa da Santa Casa da Misericórdia desta cidade distribuiu hoje a quantia de 28\$600 reis pelos entretidos recolhidos no seu asylo.

Tambem foi distribuida pela mesma, no dia 31 de outubro, em cumprimento do legado instituido pelo dr. Paulo de Mesquita Sobrinho e por Maria Caldas, a quantia de 16\$000 reis pelas recolhidas das Trinas e sua creada.

Hontem, cumprindo o instituido por Manuel Peixoto Guimarães, tambem distribuia vestidos a 26 pobres, dos quaes 12 foi encarregada da distribuição a ex.ª esposa do snr. dr. Augusto José Domingues de Araujo como representante da geração do instituidor.

### Reunião parochial.

—Terminou na passada quinta-feira em Braga a primeira reunião do clero parochial do país. Houve apenas duas sessões. A primeira foi dedicada a saudações, nomiação de comissões, verificação de poderes, etc. Na segunda tratou-se da situação material dos parochos, resolvendo-se dirigir nesse sentido uma representação aos altos poderes do estado, a qual deverá ser entregue pelo Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primas.

Resolveu-se tambem dar á actividade a comissão parochial de Guimarães, organizadora desta primeira reunião do clero parochial, a dignidade e poderes de comissão central, ficando a seu cargo convocar para o proximo anno outra reunião.

«Para conhecimento de todos os interessados, a comissão central do clero português declara o seguinte:

Que, tendo sido publicadas algumas incorrecções importantes quanto ao que foi decidido na segunda sessão, serão ellas emendadas, como tambem serão aclaradas outras materias, na *Memoria da Assembleia*, que deverá ser publicada antes da reunião da segunda assembleia e cuja publicação pareceu ser ideia corrente entre todos os snrs. delegados á assembleia;

Que esta *Memoria* comprehenderá: I. Carta convocatoria, discurso inaugural e lista dos snrs. delegados, como tambem a das vigairarias, arciprestados e concelhos, que, não tendo podido enviar delegados, adheriram comtudo ás decisões que fossem tomadas;

II. Propostas enviadas para a mesa e breves commentarios a estas propostas;

III. Relatorio e parecer da comissão de estudo sobre as mesmas propostas, acta da segunda e ultima sessão, representação do clero aos altos poderes do Estado, e mais alguns documentos;

IV. Outros factos. Que esta representação, elaborada de harmonia entre a comissão central e o snr. relator da comissão de estudo, será entregue em occasião opportuna, á pessoa ou pessoas, que se dignarem patrociná-la, será enviada por copia a todo o Episcopado junta ao pedido da sua protecção, e será publicada por meio da imprensa periodica;

Que, como nas sessões por mais de uma vez se evidenciou, o clero não finda o seu movimento occupando-se somente dos seus interesses materiaes, mas se occupará, em futuras assembleias geraes, doutros interesses duma ordem superior, mantendo-se todavia no respeito devido ao principio de auctoridade e ás auctoridades legitimadas, especialmente ao seu Episcopado de quem é discipulo e não mestre, de quem é rebanho e não pastor;

Que, finalmente, depois de concluidos os trabalhos da representação, procederá a comissão central aos trabalhos de organização das comissões diocesanas.»

### Seminario-Lyceu.

—Abrem amanhã, como foi superiormente determinado, as aulas do Seminario-Lyceu desta cidade.

Estão matriculados 271 alumnos, sendo: 65 na 1.ª classe, 72 na 2.ª, 35 na 3.ª, 43 na 4.ª, 36 na 5.ª, 12 nas cadeiras annexas e 8 singulares em diversas classes.

O conselho escolar do Lyceu propôs o desdobramento em duas turmas dos cursos da 1.ª e 2.ª classes, de harmonia com o lei que manda effectuar esse desdobramento logo que o numero de alumnos exceda 40.

Quanto á 4.ª classe, apesar do numero de alumnos matriculados ser de 43, o conselho entendeu não dever propor o seu desdobramento, ponpando assim ao municipio o respectivo augmento de despesa.

Tendo em vista as accumulções de que os respectivos professores proprietarios se encarregam, por direito, o conselho só teve que propor a nomiação de um professor, recaindo a proposta no snr. padre José Lopes Leite de Faria, o mais antigo dos interinos.



# A Restauração

**Contribuição industrial.** — A junta de repartidores da contribuição industrial fez publico que na repartição de fazenda deste concelho se acha em reclamação, durante o prazo de 6 dias, a contar do dia 30 do mês findo, a divisão feita pela mesma junta aos industriaes que se não constituíram em gremio.

**Donativo.** — A snr.<sup>a</sup> D. Joanna Rosa de Abreu, desta cidade, acaba de offerecer á Santa Casa da Misericordia, para uso do seu hospital, tres peças de panno de linho, sendo duas de panno largo para lençoes e uma duma só largura e mais 30 toalhetes tambem de linho, o que importa em quantia superior a 50\$000 reis. Bella acção.

**Fornecimentos.** — No dia 19 do corrente, pelas 11 horas da manhã, será arrematado em hasta publica, na casa do despacho da Santa Casa da Misericordia desta cidade, o fornecimento por um anno, a contar de 1 de janeiro do anno de 1906, dos generos de consumo e mais artigos para o hospital e asylos a seu cargo e para cumprimento de legados, bem como da cera para a igreja, habitos e caixões para irmãos pobres e carros para acompanhamento ao cemiterio. As condições de arrematação, respectivas bases de licitação e a importancia dos depositos provisionarios e definitivos a effectuar constam de uma relação que se acha patente na secretaria da Irmandade, desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde, de todos os dias uteis. Aviso aos interessados.

**Decima de juros.** — A junta de repartidores da contribuição industrial deste concelho fez saber que o lançamento da contribuição de juros pelo anno de 1905 está patente, por espaço de 10 dias, a contar de 1 a 10 do corrente, na casa da repartição de fazenda, desde as 10 horas da manhã ás 3 da tarde; e que dentro deste prazo poderá qualquer pessoa que se julgue lesada no mesmo lançamento apresentar a sua reclamação por escripto em papel da taxa de 100 reis, na mesma repartição, a qual póde ter por objecto:

- 1.º—Erro na designação das pessoas e moradas;
- 2.º—Indevida inclusão ou exclusão de contribuintes;
- 3.º—Erro de calculo na importancia da contribuição, ou na determinação da taxa de juros.

**Preços dos cereaes.** —No mercado da ultima semana os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

Trigo . . . . .	900
Centeio . . . . .	600
Milho alvo . . . . .	640
Milho branco . . . . .	550
Milho amarello . . . . .	530
Feijão vermelho . . . . .	1\$100
Feijão branco . . . . .	1\$200
Feijão amarello . . . . .	800
Feijão rajado . . . . .	700
Feijão fradinho . . . . .	600

“O avaro para ninguem é bom, mas menos ainda para si.”

## LITTERATURA

### A VOZ DOS FINADOS

Calam as aves nos bosques,  
Desliza em silencio o rio,  
E, qual lampada funerea  
Dum templo immenso vazio,  
Dormita o sol entre nuvens  
No horizonte sombrio.

Encobre um véu de tristeza  
A cidade, o monte, o prado;  
Tudo é mudo; apenas se ouve  
Grave, lúgubre, pausado  
Gemer no alto das torres  
Augusto bronze sagrado.

Silencio! — não ouvis em cada nota  
Dos fúnebres signaes  
Um intimo lamento, um ai immenso,  
Composto de mil ais?

Cada dobre, que ouvis, não vos semelha  
Um lúgubre gemido,  
Que o echo das montanhas balbucia  
Lacrimoso e sentido?

A cada voz, que solta o bronze augusto,  
Solemne e maguado,  
Não adeja nas asas do nordeste  
Um soluço cortado?

Em cada som daquelles não rebôa  
Um arranco profundo,  
Um brado agonizante, o adeus supremo  
Duma existencia ao mundo?

Silencio! — não ouvis em cada nota  
Dos fúnebres signaes  
Um intimo lamento, um ai immenso,  
Composto de mil ais?

Ouvistes... é dos finados  
A rouca funerea voz,  
Que nos diz—“O pó dos vivos,  
Busca o pó de teus avós.”

Eia... que os mortos vos chamam:  
Vivos, segui-me o exemplo,  
Que o bronze triste e solemne  
A todos vos chama ao templo.

Arrebatados na vida  
Pelo tufão do presente  
Ide sagrar ao passado  
Um curto instante sómente.

Deixai da festa os sorrisos,  
De gala despi as vestes,  
Trocai o culto das rosas  
Pelo culto dos cyprestes.

Tange o sino; é dos finados  
A rouca, funerea voz,  
Pó animado dos vivos,  
Busca o pó dos teus avós!

Segui, segui a voz que vem das campas,  
Correi, vivos, correi,  
E a divida sagrada, que vos lembra,  
Solvei todos, solvei.

Os templos enlutados vos esperam:  
Ide carpir, orar,  
Que o tributo das preces e do pranto  
E' facil de pagar!

C. A. Lima.

### O ÍMPIO NO CEMITÉRIO

Uma noite cheia de melancolia!...  
Corre o mês de novembro; o ceu está  
coberto de nuvens pardas e a terra de  
folhas secas. Um viandante caminha  
pelo meio dum bosque. De tempos a  
tempos invade-lhe o coração um indefi-  
nível sentimento de tristeza... Um  
frio intenso lhe traspassa os ossos...  
«Que noite tam ágida!»... E em-  
brulha-se no capote.

Cada folha que cãe, cada gemido que  
produz nas árvores o vento da noite,  
sam para o seu espirito inquieto como  
lamentações que vêm de sob a terra. O  
mesmo ruído de seus passos lhe lança  
na alma não sei que espanto... Afigu-  
ra-se-lhe caminhar sobre cadáveres...  
A sua imaginação corre com ardor fre-  
nético... Elle quisera deter-lhe o cur-  
so, mas não póde; ella vai, vóo como  
insensata... Elle sente... sim, elle  
sente ossadas de mortos estalarem-lhe  
debaixo dos pés...; ouve os espiritos  
que animaram aquelles ossos enviarem-  
lhe murmúrios, lamentos...; vê som-  
bras errarem em volta de si com aspect-  
o horrível e ameaçador... Quisera  
parar, quisera retardar os passos...  
mas o medo persegue-o, dá-lhe asas aos  
pés e faz-lhe enfiar com precipitação  
as folhas mortas, que, ao quebrarem-se,  
produzem um ruído sinistro, que ainda  
augmenta o seu pavor.

«Ter eu medo dos mortos?... Mas  
que seres sam esses?... Tenho viajado  
tanto, de dia, de noite, por vento, por

chuva, por tempestade... Que estranho  
pavor se apodera de mim nesta  
noite, em que eu jámais quisera nas-  
cer?... Não, eu não quero pensar nisto!  
Os mortos sam mortos, e delles não  
resta mais do que pó. Alegra-te, minha  
alma; virá a aurora, e nós repousare-  
mos, gozaremos, e estes tristes pensa-  
mentos deixar-me-ham a cabeça.»

Assim diz, mas não consegue livrar-se  
daquelle pesadello que lhe esmaga o  
coração. O vento, que se torna mais  
forte; as nuvens, que se agitam no firmamento;  
os longos suspiros de certas  
aves nocturnas, que parecem o echo de  
longinquo gemidos; tudo o faz recair  
na mais profunda tristeza, e elle invoca  
a aurora como Epulão, o condemnado,  
implorava uma gotta de agua para re-  
frescar o ceu da bocca... E' um ver-  
dadeiro inferno.

Mas quem é este personagem?  
E' um homem que lida por se per-  
suadir a si mesmo de que os mortos  
sam mortos e de que delles não resta  
mais do que pó. Na noite precedente  
vira elle morrer uma pessoa que lhe era  
cara. Amava-a e amava-a apaixonada-  
mente... mas não em Deus, porque  
não acreditava na existencia de Deus.  
E ella não o amava menos, e a sua morte  
foi para aquelle coração como a fulmi-  
nação dum raio.

O nosso viandante abraçou o cadá-  
ver, quis morrer, procurou um pu-  
nhal... Mas depois... talvez que  
sua Mãe do ceu estivesse orando por  
elle... o ferro caiu-lhe das mãos...  
elle ergueu os olhos e viu uma como  
apparição... e disse: «Não...» Mas  
não sabia por que lhe faltava a triste  
ração do suicidio. Abraçou o cadaver  
uma derradeira vez, amaldiçoou o dia  
do seu nascimento e retirou-se.

Aonde vai o infeliz?... Nem elle  
sabe. Mas dir-se-hia que Deus prolonga  
a sua viagem e que em seu favor faz  
que corram mais lentamente as horas  
daquelle noite; parece que tem prendi-  
do o sol, para que elle não venha tam  
cedo perturbar a sua obra. Aquelle ho-  
mem pensa!... Incrédulo, libertino,  
transviado, não quer que exista outra  
vida, e todavia pensa nella. «Os mortos  
sam mortos» diz elle... e quisera ac-  
crescentar: «e delles não resta mais do  
que pó»; mas já não tem coragem para  
proferir esta impiedade. O seu coração,  
desembaraçado dos laços que o tinham  
preso ao peccado, sentia uma vida nova,  
palpitações novas e novos movi-  
mentos... coisas que jámais havia  
experimentado...

Eiz a aurora!... Bella aurora, pre-  
cursora do dia, que se approxima. Sig-  
nal de esperanza... Alegria do cora-  
ção!... A poesia, que elle outrora  
cultivara nos bellos dias da sua mocidade,  
avivando-lhe suaves lembranças,  
trouxe-lhe alguma consolação. O nosso  
homem lança a vista em torno de si...  
Que scena cheia de encanto!... mas  
ao mesmo tempo cheia de tristeza!...  
O sol despede um correio para annun-  
ciar a sua vinda; a cabeça das collinas  
reveste a principio a cor da neve, de-  
pois a do fogo; a terra desdobra o seu  
manto amarello; as árvores mostram-se  
despidas de folhagem; o ceu toma o  
aspecto de immensa planicie coberta  
de cinza; as nuvens dam um ósculo na  
terra e vam velar a cabeça das montan-  
has... Um christião faria o signal  
da cruz e diria a oração da manhã; o  
nosso heroe amaldiçoa outra vez a au-  
roras que apparece, e quisera que a ter-  
ra se lhe abrisse de baixo dos pés.

Abysmado em seus pensamentos,  
não vê mais do que a morte... Não  
longe de si avista uma parede, uma  
grade de ferro, uma cruz... Oh Deus,  
depois duma noite tam terrível ainda  
um cemiterio! Aquelles sepulcros esma-  
gam-lhe a alma numa contracção cruel,  
e contudo, sem saber por que, elle vai  
empurrar aquella porta, que se abre, e  
entra na habitação da morte.

«Amigo» diz elle a um homem que  
está abrindo uma sepultura, «para quem  
é esse leito?»  
O velho levanta a cabeça, olha para  
o perguntador, mas nada tem entendi-  
do.

«Amigo, para quem é esse leito?»  
O cúmplice da morte dá algum mo-  
vimento aos lábios, mas ainda nada en-  
tendeu.

Então o viajante, erguendo mais a  
voz, repete a interrogação: «Para quem  
é essa sepultura?»

—Ah, meu caro senhor, é para uma  
donzella, morta na flor dos annos. Do-  
tada de excellentes prendas, ostentava  
a sua formosura, vendia os seus favo-  
res, ria-se da morte e só via deante de  
si um longo caminho semido de rosas.  
Mas a morte não respeita ninguem.»

E, como homem que tem cumprido  
a sua obrigação, o velho curvou a ca-  
beça e continuou o seu trabalho.

Cada golpe de enxada que abre  
aquella terra, traspassa o coração do  
viajante: o desafortunado queria afastar-  
se, mas não póde; sente-se como crava-  
do na borda daquelle cova, e com os  
braços cruzados sobre o peito olha pa-  
ra a sepultura. Os seus olhos estã im-  
moveis, desatinados: di-los-hieis arro-  
bados na contemplação dum cadaver.

Ouve-se o sino da aldeia... Um  
christião recitaria o Angelus; mas o in-  
crédulo amaldiçoa terceira vez a au-  
roras que surge, e quisera desaparecer na  
noite dos tumulos.

Aparta-se dali. Levantando a cabe-  
ça, dá com os olhos num monumento  
fúnebre, que se distingue no meio da-  
quellas modestas campas, e detem-se  
para o ver bem. «Uma mãe. Infeliz é a  
sua familia. Quem sabe quantas lágrima-  
s, quantos suspiros e quantas impreca-  
ções causou esta morte?...» Assim  
pensa este homem, que não conhece  
as doçuras da fé. A inscripção está  
rente da terra; mas nem por isso o ho-  
mem deixa de a ler. Depois, levantando  
os olhos, examina o monumento, que  
se encosta à parede do cemiterio, co-  
mo o viajante ao tronco duma árvore,  
para não ser derribado pelo vento. Uma  
mulher, com os vestidos em desalinho,  
jaz por terra e fita o ceu. Ao lado del-  
la uma creança sorri para a que jaz sob  
os seus olhos! Com que maternal bon-  
dade ella lhe mostra o seu coração  
cheio de amor!

Isto foi para o espirito daquelle ho-  
mem como violenta descarga eléctrica.  
Elle, que ainda ha pouco não acredita-  
va em outra vida, que zombava de tu-  
do, já crê, já espera, já ora. Ei-lo ajoé-  
lhado deante da cruz do cemiterio, com  
a fronte prostrada naquella terra ben-  
zida, que elle ainda ha pouco pisava  
com tanta indiferença; ei-lo com o  
coração traspasado de dor e fortificado  
de esperanza.

Que succedeu?  
O dogma da immortalidade da alma,  
o da resurreição, o do Purgatório  
e dos suffrágios desenrolaram-se-lhe  
perante os olhos com toda sua grandeza  
e formosura. A graça de Deus, que  
o esperava, apoderou-se delle, deixan-  
do-se o nosso homem levar por aquella  
corrente, capaz de arrastar as almas  
mais obstinadas.

Teria ficado oppresso pelo pensa-  
mento da outra vida, se não houvesse  
lançado um derradeiro olhar para a  
doce imagem de Maria, que lhe parecia  
alindarse com um sorriso celeste. A  
lembrança daquelle Mãe dá-lhe cora-  
gem. «Eu sou peccador, e ainda que  
derrame lágrimas para apagar os meus  
peccados, terei ainda de alguma coisa  
expiar no fogo. Mas então, o minha  
bóã Mãe, vinde, suavizai as minhas pen-  
sas, temperai o calor de meus lábios,  
com vosso manto produzi sobre o meu  
rosto inflammado uma brisa refrescan-

te, e, em vossa bondade, estendei a mão  
para me livrar.»

Disse, levantou-se e dirigiu-se para  
a vizinha aldeia, a buscar um sacerdote,  
a quem fez uma confissão de toda a  
vida.

Accommodado por

L. F.

“Grande mal quer ao ava-  
rento quem lhe deseja longa vi-  
da.”

## ANNUNCIOS

### Piano

Vende-se um, *Erard*,  
em perfeito estado.  
Nesta redacção se  
diz.

### O grande batineiro

Antonio Raymundo de Sousa  
Guise, com atelier de alfaiateria  
á Praça de D. Affonso Henri-  
ques, 36 e 38, desta cidade,  
encarrega-se de fazer batinas  
com a maxima perfeição bem co-  
mo toda a qualidade de obra  
que lhe seja encommendada.

Tudo perfeito e por preços  
modicos.

## Vinho toni-vitalisante de Pombeiro

de carne, quina, kola, lacto-phosphato de cal, casca de laranja,  
glycerina Price's e pepsina Langebeck

(DIGESTIVO, ANALEPTICO, ESTOMACHICO  
RECONSTITUINTE E ANTI-NEURASTHENICO)

O mais effizaz para curar a anemia, chlorose, enfraquecimento  
geral, inacção dos orgãos, lymphatismo, escrophulismo, idade cri-  
tica, tysica, dyspepsias, gastralgias, vomitos incoerciveis, azias  
flatulencias, gastralgias e outros soffrimentos do estomago: norma-  
lisando todas as funções d'este orgão.

Centenaes de doentes confirmam o valor curativo do *Vinho  
toni-vitalisante*.

## Chá purgativo de Pombeiro

O melhor, o mais agradável, o mais commodo, o mais suave e  
o mais prompto de todos os purgantes vegetaes conhecidos.

Na irregularidade e prisão de ventre, vertigens, desmaios,  
tonturas, colicas intestinaes, dores de cabeça e na suppressão de  
menstruação, o CHÁ PURGATIVO DE POMBEIRO é absoluta-  
mente indispensavel e preferivel a todos os purgantes.

Cada caixa acompanha as necessarias instrucções para uso do  
CHA PURGATIVO.

## Fucuglicina de Pombeiro

O mais poderoso succedaneo do oleo de bacalhau e das emul-  
sões, destinado ás creanças e adultos fracos, lymphaticos, escro-  
phulosos e rachiticos.

A FUCUGLICINA é nm conjuncto de reconstituintes neces-  
sarios ao desenvolvimento das creanças, nas quaes opera verda-  
deiras resurreições e a todos os individuos que careçam restaurar  
os systemas nervoso, osseo e sanguineo. Nas molestias de pelle é  
ainda a FUCUGLICINA o melhor depurativo de que se póde lan-  
çar mão.

Depositarios: CASA PREPARADORA, 11, rua de Cedofeita  
—Porto e FILIAL DA PHARMACIA POMBEIRO, rua do Dr.  
Abilio Torres—Vizella.



# IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas  
POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada  
pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

## PREÇOS

Em percalina . . . . . 300 reis  
Em carneira com folhas-douradas . . . . . 500 »  
Em chagrin-douradas . . . . . 1000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia  
devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**,  
RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.

# DICCIONARIO APOLOGETICO

DA

# FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas  
da verdade da religião e as respostas ás  
objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.<sup>a</sup> EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado,  
rua das Flores, 42, 1.<sup>o</sup>—Porto.

# As Terras de Valdovês

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

**E**STA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.<sup>o</sup> volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

**Pap. e Typ. Minerva Vimaranense**

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

# O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 réis. Pelo correio accresce o porte de 30 réis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapellaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

## SYNOPSIS

DA

# THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

# HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes . . . . . 10500 réis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.<sup>as</sup>, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

# Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDDE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.<sup>a</sup> classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica,"

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos. Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais caudante e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientifica e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfaziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo número, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douda obra, e quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas, lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no com mercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sómente útil, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labirinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação faríamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circunstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

## Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

# THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.<sup>o</sup> volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

## THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 réis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU